

HISTÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO NO JAPÃO E BRASIL DE FILHOS DE DEKASSEGUIIS NA DÉCADA DE 1990

Susiane Tiemi de Almeida Matsuo¹; Luciano Nunes Sanchez Cores²; Tatiana Platzter do Amaral³

Estudante do Curso de Pedagogia; e-mail: susianematsuo@hotmail.com¹

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: Luciano.cores@uol.com.br²

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: tatiana@umc.br³

Área do Conhecimento: Educação

Palavras-chave: Escolarização; Dekasseguis; Escola no Brasil; Escola no Japão

INTRODUÇÃO

Dekassegui que, em japonês, significa *trabalhar fora de casa*. O processo migratório para o Japão não foi restrito à apenas o trabalhador, foram também muitas famílias com seus filhos pequenos em idade escolar. Com a ida de famílias inteiras ao Japão, há uma transformação na rotina e no estilo de vida dessas famílias, surgindo assim novas necessidades, como a escola, por exemplo. Nos anos de 1990 as crianças e adolescentes eram inseridas no sistema escolar japonês, uma vez que não havia escolas para brasileiros. Dentro deste contexto a temática da escolarização dos filhos de dekasseguis no Brasil e Japão não tem sido abordada em pesquisas acadêmico-científicas que acabam por privilegiar uma discussão centrada no aspecto mais econômico do fenômeno. No entanto, destaca-se que ao consultar sites e blogs de dekasseguis foi possível perceber que a temática da educação dos filhos de trabalhadores brasileiros está sendo muito debatida a partir do foco da escolha do tipo de escola: japonesa ou brasileira. Acrescenta-se o dado de que em 2004 havia em torno de 60 mil crianças e adolescentes em idade escolar – de 0 a 19 anos. Ou seja, é uma parcela expressiva de estudantes. O referencial teórico que dá suporte baseia-se numa abordagem crítica, especificamente a pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani e a teoria histórico-cultural da escola soviética.

OBJETIVOS

Objetivo geral: Compreender o processo de escolarização dos filhos de dekasseguis que freqüentaram a escola de Ensino infantil e de Ensino Fundamental no Japão e Brasil na década de 1990. **Objetivos específicos:** Resgatar a história de escolarização de jovens dekasseguis que cursaram, intermitentemente, a Educação Infantil e/ou o Ensino Fundamental (ou correspondentes) no Brasil e no Japão; e Analisar as condições de escolarização desses alunos no Brasil e no Japão, bem como as representações construídas e possíveis conseqüências deste processo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa que se configura como Estudo de Caso. Foram colaboradores desta pesquisa cinco pessoas. Os critérios de seleção foram: filhos de dekasseguis que viveram no Japão entre 1990 e 1995 e que freqüentaram escolas japonesas e, mais tarde, escolas brasileiras ou vice-versa. As fontes de coletas de dados foram entrevistas e observação. Foi elaborado um roteiro de entrevista com questões abertas e semi-abertas. As entrevistas com colaboradores

residentes no Brasil, com a devida autorização, foram gravadas. Já com os colaboradores residentes no exterior utilizou-se como recurso e-mail, bem como tecnologias de comunicação simultânea, por exemplo, SMS. Também foram feitas anotações pessoais acerca das circunstâncias e desenvolvimento das entrevistas. É importante salientar que, em face das necessidades éticas da pesquisa envolvendo seres humanos, mediante a aprovação no Comitê de ética em Pesquisa com seres Humanos, foi fornecido aos colaboradores um Termo de consentimento livre e esclarecido, no qual os objetivos e métodos da pesquisa estavam explicitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados e a discussão estão organizadas em dois grandes eixos: História de escolarização e Escolarização e subjetividade.

História de escolarização

Foram colaboradores da pesquisa três homens e duas mulheres na faixa etária entre 17 e 25 anos de idade. A condição financeira das famílias no Brasil era instável, reflexo do contexto econômico do país, o que motivou o interesse em ir para o Japão. *“É porque o comércio dos meus pais foi à falência, aí por problemas financeiros nós fomos para o Japão.” Colaborador 2.* Os colaboradores tinham de 1 a 9 anos de idade quando suas famílias mudaram-se para o Japão. Apenas um colaborador não freqüentava a escola. A maioria deles estava na Educação Infantil ou nas séries iniciais do ensino fundamental em período parcial. Freqüentavam escolas públicas do bairro, sendo que o critério de escolha foi a proximidade da residência. Sobre a chegada e a condições de vida no Japão relatam que não dominavam o idioma. Moravam em apartamentos alugados. Perguntados sobre a relação com seus vizinhos, relataram *“(...) no apartamento que agente morava não tinha muito brasileiro, a maioria era japonês.” Colaborador 2* Os pais trabalhavam em média 12 horas por dia, enquanto as mães trabalhavam em torno de 9 horas diárias. As mães tentavam conciliar a família e o trabalho. Os colaboradores contam que muitas vezes chegavam da escola e ficava esperando as mães chegarem. Com exceção do colaborador 3 todos foram matriculados em escolas japonesas logo que chegaram no país. O colaborador 3 foi matriculado em uma creche japonesa após 1 ano que a família estava na Japão. Todos freqüentaram escolas públicas japonesas próximas das residências. Percebe-se que ao se comparar a história de escolarização no Brasil e Japão destaca-se a diferença de tempo de permanência ao longo do dia, conseqüentemente a organização curricular também diferenciada, a programação de atividades e atendimento aos alunos, fossem japoneses ou filhos de brasileiros trabalhadores no Japão. Podiam praticar atividades extras como xadrez, yakyu (baseball) e natação. Freqüentaram a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, sendo o período de freqüência entre 2 anos e 6 meses a 8 anos. Os colaboradores voltaram ao Brasil entre de 1994 a 2004. O primeiro que voltou em 2004, contou que voltou ao Brasil por que sua mãe ficou doente e veio se tratar no Brasil. O colaborador 4 também contou que voltou por motivo de doença na família. O colaborador 2 voltou em 2002 porque os pais estavam preocupados com a educação dos filhos, pois com cinco anos de estudos no Japão estavam esquecendo o português. Outro motivo de retorno foi o custo de vida no Japão. Na medida em que os filhos cresceram o gasto de uma família com 5 pessoas também aumentou. Ao retornarem para o Brasil, as famílias voltaram para a mesma residência que foi reformada com o dinheiro guardado do trabalho no Japão. Os Colaboradores contaram que as famílias se sentiram inseguras ao voltar ao Brasil. Eram histórias de violência e, principalmente, o imaginário de que ao retornar do Japão as famílias vinham com muito dinheiro, o que não era realidade para muitos. Os colaboradores foram matriculados novamente em escolas públicas brasileiras. Uma

nova ruptura aconteceu na vida destas crianças e adolescentes. Foram submetidos a outro princípio de escolarização em condições muito distintas do que estavam acostumados.

Escolarização e subjetividade

Neste eixo de análise pretende-se compreender, com base nos dados coletados e explicitados no eixo anterior, este processo de escolarização marcado pela descontinuidade e por conflitos culturais. Com base nas entrevistas com os colaboradores é possível perceber princípios de uma socialização baseada na autonomia e disciplina na escola. *“Agente permanecia na escola o dia todo era exigido muita disciplina no almoço os alunos que serviam o almoço para a sala toda e no final do dia era feita uma limpeza nas salas pelos próprios alunos”* Colaborador 5 Desde pequenos os alunos são levados a desenvolverem a coletividade e a obedecerem as regras. Eles aprendem que as regras e as tradições devem ser respeitadas com rigor, e quando elas são quebradas eles se sentem muito constrangidos. A figura dos professores é bastante respeitada tanto pela sua idade quanto pelo seu conhecimento. No entanto a relação entre professor e aluno não se estabelece de uma forma vertical. O professor é um orientador que direciona o conhecimento dos alunos, criando situações de aprendizagem. Apesar da acolhida de professores e alunos japoneses, os colaboradores relataram que a maior dificuldade de adaptação foi com relação ao idioma. A comunicação, o uso da linguagem, foram elementos importantes para a qualidade da interação, compreensão de costumes, enfim, fizessem “parte do grupo”. Dessa maneira ao voltarem ao Brasil, depois de tantos anos fora do país tentando fazer parte daquele grupo e incorporar um sistema regrado, os colaboradores tiveram que desconstruir tudo que aprenderam e passar por uma readaptação a suas culturas de origem. Diante disso uma das maiores dificuldades de adaptação no Brasil também foi o idioma. A dificuldade encontrada não foi na linguagem verbal, mas sim em sua forma não verbal, a escrita. Essa foi a mais difícil reestruturação adaptativa pela qual os estudantes brasileiros tiveram que passar. Ao falarem do retorno para as escolas brasileiras o que se constatou foi que quanto maior o tempo de permanência no exterior, mais difícil se tornou a adaptação. O Colaborador 1 que ficou 8 anos no Japão ao retornar foi reclassificado no 1º ano do ensino médio contou que não tinha amigos aqui e no colégio onde estudou não eram desenvolvidas atividades extra-curriculares. Ao contar da rotina disse apenas estudar as matérias e descreveu os professores sendo “secos” com os alunos. Os colaboradores que permaneceram menos tempo descreveram melhor a escola os amigos e professores. As escolas japonesas e brasileiras passavam por momentos diferentes. Podemos citar diferenças como a abordagem pedagógica, condições estruturais e o atendimento dos discentes. Como exemplo o atendimento em escolas japonesas era de pelo menos 8 horas diárias. No Brasil o atendimento não passava de 5 horas. Essas vivências escolares relatadas pelos alunos evidenciaram a importância do papel da escola na formação do discente, com clara influência do ambiente cultural na educação desses sujeitos, ou seja, podemos afirmar condições contraditórias e adversas na escola estiveram presentes na formação da subjetividade destes sujeitos. Dessa maneira a relação do ser humano com o meio e com outros sujeitos provocam situações de trocas de experiências fazendo com que nessa relação os sujeitos sejam transformados. Na situação dos alunos egressos, essas relações se tornavam complexas na medida em que além do fator ambiente, os alunos necessitaram compreender o idioma para que pudessem fazer parte daquele ambiente. Unanimemente colocado pelos egressos, a questão do idioma se mostrou como um grande obstáculo, sobretudo na língua escrita pela complexidade e diferente estruturação lingüística. Os gestos e expressões podiam de alguma forma manter uma comunicação compreensível

entre os alunos e professores e os sujeitos. Todos relataram nesse sentido que não demoraram muito para “dominar o idioma”. Mas a comunicação e a relação entre os sujeitos se estabelecem de forma mais complexa, vai além de decifrar os códigos. Precisa-se que o sujeito seja imerso dentro dessa cultura, e poderá compreender – lá, mas ainda sim não se tornando parte dela. Nessas relações que se estabelecem os egressos brasileiros perdem a identidade, gerando desconforto e sofrimento. Relatam que quando estavam no Japão eram chamados de estrangeiros e quando retornaram ao Brasil eram chamados de japoneses. Na história dos colaboradores verifica-se que retornaram ao Japão. O domínio da língua facilitou a inserção no mercado de trabalho em funções relacionadas aos 3Ks: Kitsui (penoso), Kitanai (sujo) e Kiken (perigoso). Apesar de terem vivido parte da escolarização no Japão ocuparam os mesmos postos que seus pais.

CONCLUSÕES

A discussão sobre a complexidade da escolarização de dupla nacionalidade por meio das histórias de filhos de decasségus proposta nesta pesquisa não tem o intuito de se esgotar nestes dados. Ressalta-se que é uma temática pouco abordada em pesquisas acadêmico-científicas o que merece pela sua relevância um aprofundamento. São histórias marcadas por um processo descontínuo, com muitos recomeços e sem um fim, principalmente dos alunos de sexo masculino que acabaram por abandonar a escola antes do término do ensino médio. O constante recomeço implicou a esses aprendizes, além de um duplo idioma, uma cultura equivalente, pois carregam traços da cultura materna e a cultura vivenciada. Eram japoneses no Brasil e brasileiros no Japão. Há uma identidade coletiva, que pode ser entendida pelas condições similares de escolarização, o que não descarta a singularidade destas experiências particulares, vivenciadas e interiorizadas. Nesse processo de desenvolvimento da pesquisa, envolveu a formação como aluna do curso de Pedagogia, bem como a um processo de autoconhecimento e ressignificação das experiências. Enfim, também fui uma filha de dekassegui que migrou na década de 1990 e passou por histórias similares. Agora sou uma futura profissional da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, N. (2000). **A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivona educação escolar.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#nota. Acesso em: 7 abr. 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedo e brincadeira na educação infantil japonesa: proposta curricular dos anos 90. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 18, n. 60, Dec. 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301997000300005&lng=en&nrm=iso. access on 18 Aug. 2009. doi: 10.1590/S0101-73301997000300005.

ROSSETTO, E ; BRABO, G. **A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: algumas reflexões** Disponível em: www.unioeste.br/travessias/.../A%20CONSTITUI%C7%C3O.pdf. Acesso em 10 ago. 2009

OLIVEIRA Adelaide P. de. **O conceito de cultura e a identidade do falante de L2.** Disponível em: www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_061.pdf. acesso em 10 de ago. 2009

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Editora Autores Associados. 2004.